Moção A

Insubmissas, combativas e militantes: a organização de Jovens do Bloco

1. Introdução

Enquanto jovens, sabemos bem que as múltiplas crises que enfrentamos, seja económica, social ou climática, continuam a agudizar-se, com efeitos devastadores para as nossas vidas. A precariedade continua como regra: hoje, somos obrigadas, não a procurar um emprego com condições de trabalho, mas sim um emprego, independentemente do que nos é oferecido. Ao mesmo tempo, por todo o país, sentimos as consequências da especulação imobiliária, que coloca os interesses do capital acima do direito à habitação. Famílias e estudantes gastam a maior parte dos seus rendimentos na habitação: a somar a outras despesas, o custo de um quarto pode chegar a 400€ por mês. Enquanto isso, a saída de casa dos pais vai-se adiando e a ideia de se comprar casa torna-se uma realidade cada vez mais distante, praticamente uma miragem impossível de imaginar. Também vemos com enorme preocupação os efeitos das alterações climáticas, cada vez mais próximos de se tornar irreversíveis. Vemos os impactos do aquecimento global e da crise climática por todo o mundo, sabendo que as consequências serão catastróficas. Reivindicamos o direito ao nosso futuro, lutando por uma transição energética que garanta uma vida digna para todas as pessoas, no nosso país e no nosso planeta.

Somos as jovens que saem à rua porque não aceitam a discriminação nem a exclusão: lutamos pelo direito a ser quem somos e a existir como somos. Estamos na luta Feminista, contra a violência de género, por salários iguais para trabalhos iguais, contra o assédio e a violência sexual, o acesso à saúde sexual e reprodutiva, pelo direito aos cuidados e pelo direito aos nossos corpos. Não toleramos preconceitos LGBTQIfóbicos nas nossas ruas, escolas, locais de trabalho, Instituições de Ensino Superior. Estamos na luta LGBTQI+, combatendo toda e qualquer forma de opressão. Estamos na linha da frente da luta contra o racismo e a xenofobia, pela descolonização dos currículos e da própria sociedade, por um país onde a exclusão social deixe de ser a norma para as pessoas racializadas.

Como jovens socialistas, anticapitalistas, antirracistas, feministas e LGBTQI+ sabemos de onde vimos e para onde vamos: estamos aqui para fazer a luta toda. Estamos do lado de quem vive do seu trabalho, daquelas que são discriminadas e oprimidas por um sistema que apenas serve o capital e não as pessoas. Apresentamo-nos a esta Conferência de Jovens do Bloco de Esquerda com força e energia, com um programa político que tenha como foco organizar e dinamizar as jovens de todo o país, contribuindo para a construção do Bloco de Esquerda e, acima de tudo, para pensar e construir uma sociedade mais justa e igual.

No palco internacional, vivemos numa época em que os conflitos entre nações continuam a intensificar-se. Da Ucrânia à Palestina, assistimos a guerras sem fim, com o financiamento de interesses obscuros. Enquanto isso, os povos sofrem às mãos dos senhores da guerra, tanto com vestes governamentais, como empresariais.

Enquanto socialistas, afirmamo-nos frontalmente contra todas as formas de imperialismo, sejam eles americanos ou russos, e qualquer hegemonia global. Defendemos o direito à autodeterminação dos povos, que lutam pela sua sobrevivência. Acreditamos que a chave para a paz prende-se com internacionalismo e solidariedade, em que no cerne estejam os interesses das populações e não das elites burguesas que comandam os rumos dos governos.

Lutamos pela paz, combatendo as políticas de armamento que caracterizam a situação geopolítica internacional. Além disso, vemos com preocupação a radicalização da direita por todo o mundo. Desiludidas com as respostas austeras por parte dos Governos, quem trabalha sente-se tentado a seguir a narrativa da extrema-direita. Sabemos que nos cabe a nós, à esquerda transformadora, dar respostas aos seus problemas e necessidades.

2. Organização de Jovens do Bloco de Esquerda

A organização de Jovens do Bloco de Esquerda assume-se como um grupo setorial dentro do partido, integrado em todas as suas lutas e na sua vida democrática. Rejeitamos a ideia de juventudes partidárias e o acantonamento de jovens. Somos, como qualquer aderente do partido, capazes de discutir qualquer assunto, não nos limitando a um pequeno conjunto de temas. Estamos no Bloco, com os mesmos direitos e deveres que qualquer camarada.

Estamos organizadas, quer a nível distrital, quer a nível nacional, sendo que aderentes até aos 26 anos (inclusive) podem escolher participar nas reuniões e atividades das Jovens do Bloco. A Coordenadora Nacional de Jovens tem um papel de coordenação nacional, dialogando com os grupos de jovens de todo o país e servindo como plataforma de apoio e multiplicação de eventos por todo o território. Participamos ativamente nos movimentos sociais, estando presentes nas mais diferentes lutas, fomentando a plena integração de jovens no Bloco de Esquerda.

Como socialistas, sabemos que a organização é uma ferramenta fundamental para alcançar a transformação social e política pela qual lutamos. A coesão é fulcral para ampliar a capacidade de disputa no campo social e para combater a hegemonia dos interesses financeiros, que tanto anseiam a fragmentação da esquerda. Queremos reforçar a organização das Jovens do Bloco, de forma a chegar a

cada vez mais pessoas e ter a capacidade de integrar as e os recentes aderentes que se querem juntar à luta. Propomo-nos a fortalecer a nossa organização, melhorar a dinamização e descentralização de atividades e intensificar a nossa intervenção.

O recrutamento é fulcral para a manutenção da estrutura dos e das Jovens do Bloco, tal como para a sua expansão e maior capacidade de disputa nas ruas. É necessário definir um plano comunicacional que transmita regularmente as atividades dinamizadas e os modos como as pessoas interessadas se podem envolver nos processos organizativos. Temos que continuar a articular as nossas páginas nas redes sociais, em constante adaptação às novas formas de comunicação, de forma a instrumentalizá-las para a luta política.

A capacidade de atrair mais jovens para a estrutura partidária deve sempre envolver um universo bloquista que esteja disposto e preparado para as receber. Para tal, os elementos da Coordenadora Nacional de Jovens devem assumir uma função de articulação com as estruturas locais do Bloco por todo o país, de forma a direcionar jovens para atividades nas suas localidades e regiões. É também necessário dar a conhecer camaradas que estejam nos mesmos espaços que militantes que acabam de chegar, sejam escolas, Instituições de Ensino Superior ou locais de trabalho. As formas de envolvimento nos Jovens do Bloco têm que ser explícitas, devendo estimular a criação de novas formas de participação e colaboração de aderentes.

3. Organização do movimento estudantil e associativismo

Os movimentos estudantis fazem parte da resistência e da construção de um ensino mais livre, igual e democrático. A habitação é hoje o principal obstáculo ao ingresso no ensino superior e à sua conclusão por parte dos estudantes, a CNJ assume como prioridade a luta pelo direito à habitação e à educação, estando ao lado da comunidade contra essa barreira que se avoluma em torno destes direitos. Procurando contribuir para a construção de uma comunidade bem organizada, capaz de proteger os seus direitos e a lutar pela conquista de outros.

A organização das jovens do Bloco junto da comunidade estudantil em torno das causas como o fim da propina, mais camas nas residências, mais ação social e contra o modelo fundacional é central para reavivar o movimento estudantil. A intensificação da presença do Bloco nos estabelecimentos de ensino e dos seus aderentes nos movimentos reivindicativos e nos órgãos representativos é fulcral para que sejam as estudantes a condicionar a discussão e tomadas de decisão. Criar e promover movimentos é uma prioridade partilhada, que pretendemos fomentar e apoiar tanto quanto possível.

A Coordenadora de Jovens, ao reconhecer esta prioridade, deve desenvolver um trabalho de ligação aos núcleos e organizações de escolas e faculdades e aos jovens militantes. Posteriormente, as organizações concelhias e distritais, que devem auxiliar os núcleos e movimentos a desenvolver as suas candidaturas aos órgãos representativos das suas respetivas escolas, faculdades e universidades – a formação de lista deve unir as militantes em torno da construção de uma agenda programática.

Propomos a criação de um grupo de apoio que garanta o auxílio à criação de listas aos órgãos representativos e criação e participação em movimentos por parte da CNJ aos militantes. Esse grupo deve produzir com documentos e materiais direcionados às jovens , que expliquem as funções de cada um dos órgãos e permitam esclarecer dúvidas, para que estes se possam organizar nos vários estabelecimentos de ensino e para que se promova uma participação mais alargada da esquerda em espaços estudantis

Este ano houve mais dez mil candidatos às bolsas de ação social que no ano anterior. O preço da habitação estudantil subiu, em média, 10%. Ainda assim nada impediu a maioria absoluta de anunciar o "fim da propina", medida que faz jus à expressão, continuaremos a pagar para estudar - isto apenas revelou a verdadeira função da propina: servir de barreira socioeconómica à frequência do Ensino Superior. Continuaremos a luta contra a propina e a reivindicação de mais ação social direta e indireta. Pelo fim da transferência da obrigação de financiamento do Estado para quem estuda e respetivas famílias. Esta suposta partilha que nos foi introduzida com a retórica de melhoria das condições das instituições é, na verdade, um mecanismo que exclui e que nem sequer cumpre as suas promessas. Continuamos a assistir à diminuição da ação social indireta, com o aumento do preço do prato social, por exemplo. E a insuficiência ação social direta existente, assim como a habitação estudantil.

No Ensino Secundário as lutas pela revisão do sistema de avaliação e discussão sobre a finalidade dos exames nacionais, a revisão do sistema de ingresso no Ensino Superior, valorizando a aprendizagem são também nossas. Bem como a valorização do Ensino Profissional, e o combate aos seus horários abusivos. A CNJ compromete-se a apoiar a luta destes estudantes estabelecendo a ligação dos jovens à mesma, tendo como fim o aumento da participação dos alunos nas decisões e uma maior gestão democrática nas escolas.

As e os estudantes, enquanto comunidade, desempenham um papel crucial no combate à ascensão da extrema direita, ao sexismo e assédio, à homofobia e transfobia, ao racismo bem como a todo e qualquer tipo de discriminação e opressão nas nossas instituições e sociedade em geral. Devemos e temos o direito de estudar e integrar espaços livres de qualquer tipo de opressão e preconceito. Estes espaços de aprendizagem devem ser espaços de debate democrático, em que predomine a liberdade, democracia, igualdade e interseccionalidade. O movimento estudantil que verdadeiramente represente

os estudantes deve ser amplo, participativo e democrático. Deve combater os discursos conservadores nas escolas e universidades, deve lutar pela criação de espaços com direitos iguais para todas as pessoas, independentemente da sua classe, do seu género, etnia e orientação sexual.

4. Habitação

O aumento das rendas e dos juros do crédito da habitação, com um mercado imobiliário selvagem, assim como a diminuição da oferta habitacional, atiraram o país para uma crise na Habitação sem precedentes. A maioria absoluta do Partido Socialista em nada contribui para a resolução desta situação, preferindo salvaguardar os interesses dos senhorios e de quem lucra com a crise, em prejuízo das famílias que abandonam as suas casas porque não têm como suportar as despesas.

Nós, jovens com empregos precários, sem estabilidade ou perspetiva de progressão futura, com rendimentos que não chegam, em muitos casos, para sequer suportar despesas básicas como luz, água ou alimentação, enfrentamos uma subida dos custos da habitação e somos obrigados a adiar a nossa vida. E esta crise não é nova, muito pelo contrário - é consequência do sistema neoliberal que governa o país.

Enquanto Jovens do Bloco, exigimos camas onde dormir, tetos sob os quais possamos viver e condições dignas para estudar e o direito à cidade e aos seus serviços. Sabemos que a especulação imobiliária é um assalto e estamos na linha da frente do seu combate, reivindicando o direito à habitação e a um espaço condigno.

5. Movimento Social e as Jovens do Bloco

A luta é também feita nas ruas. Exemplo disso são as manifestações do 1 de abril e do 30 de setembro pela habitação, que levaram milhares de pessoas à rua, por todo o país.

Enquanto aderentes do Bloco de Esquerda, não perdemos o foco da importância que tem a organização militante na luta social e na formação de fortes redes ativistas. A organização de Jovens do Bloco tem que ser um grupo mobilizado em todas as lutas, de forma a apoiar os movimentos sociais, construindo pontes e conseguindo que mais jovens saiam às ruas.

São várias as causas que motivam as Jovens do Bloco na sua ação política:

Luta Climática

A luta climática é hoje a luta pela nossa sobrevivência - é a luta das nossas vidas. Determinante para o futuro da nossa sociedade, o combate à crise climática é uma prioridade. Perante o falhanço das respostas governamentais a esta situação, vendo, por todo o mundo, comunidades afetadas e destruídas pelos efeitos das alterações climáticas, sabemos bem o quão necessário e urgente é lutar por uma transição climática, rápida e justa para as pessoas, que valorize os serviços públicos.

Luta Feminista

O poder patriarcal procura continuar a silenciar-nos e a invisibilizar-nos nas várias esferas da nossa vida tanto individual como coletiva: nas ciências, na cultura, no desporto, na política, entre tantas outras vertentes da vida. Continuamos a estar nas ruas pela defesa dos nossos direitos. Lutamos por vidas mais justas para todas, pelo fim da precariedade a que somos submetidas, pela autodeterminação, pelo direito aos cuidados, do direito sobre os nossos corpos, no acesso à saúde sexual e reprodutiva.

A nossa luta é também o combate em toda a linha à violência machista, que insulta, agride, violenta e mata mulheres todos os dias. Somos as que saem à rua e lutam, não esquecendo, nunca, as mulheres que já cá não estão e as que sofrem às mãos da violência machista.

Luta LGBTQI+

Enquanto jovens, é cada vez mais importante a participação nas marchas nas diversas localidades do país e movimento LGBTQI+, combatendo a discriminação e a lógica neoliberal e mercantilista que se tenta apropriar destes espaços. Esta luta faz-se com a construção coletiva de um movimento anticapitalista e emancipatório, que represente e inclua todas as pessoas a falar de: saúde, educação inclusiva, habitação, no combate à precariedade. Com o 1º Fórum LGBTQI+, realizado e pensado por ativistas do Bloco, aprofundamos o debate crítico e tomamos decisões em coletivo que contribuem para a construção do movimento. Assumimos continuidade nesse trabalho lutando pela inclusão, não apenas na lei, mas também na sociedade.

Luta Antirracista

Enquanto jovens socialistas e anticapitalistas, lutamos contra todos os tipos de discriminação e opressão. Recusamos o uso das nossas instituições por parte da extrema direita para perpetuar uma política de ódio. Recusamos uma União Europeia que deixa à margem jovens imigrantes. Lutamos por uma descolonização efetiva da sociedade, por um ensino verdadeiramente antirracista, por uma justiça responsavel e por uma vida digna para as pessoas ciganas, negras e imigrantes.

Luta Sindical

Fazemos parte de uma geração em que a precariedade é inerente à nossa existência. Temos que nos envolver no mundo sindical, de forma a lutar por salários dignos e melhores condições laborais, e para reivindicar os nossos direitos.

O envolvimento das e dos Jovens do Bloco nos movimento sociais deve primar por uma participação ativa que contribui para a construção de um mundo novo que não deixe ninguém para trás, apoiando as suas lutas e reivindicações, combatendo injustiças e discriminações, sejam estas socioeconómicas, laborais ou estudantis. Enquanto jovens a nossa luta é a da transformação social, que procura uma realidade mais justa, solidária e inclusiva para todas as pessoas.

6. Comunicação

A comunicação é um dos eixos primordiais da organização das e dos Jovens do Bloco. É essencial que a CNJ tenha um papel preponderante, não apenas na comunicação interna, mas também na ação externa. Através disso, é possível unir e integrar recém-aderentes, assim como chegar a jovens, dos mais variados pontos do país, que queiram lutar ao nosso lado.

Comunicação Interna

A CNJ deve ser responsável por uma política de aproximação e integração de jovens recém-aderentes, contactando-os e informando-os sobre as diferentes estruturas e formas de organização no partido. Propomos que esta apresentação seja apoiada pelo kit “recém-aderente”, simples e acessível, distribuído a todas as novas pessoas aderentes. Além disso, os elementos da CNJ devem articular com as estruturas concelhias e distritais do Bloco de Esquerda, de forma a promover a integração de novos aderentes.

É essencial que todas e todos os jovens sejam mantidos a par das atividades da CNJ e dos vários Grupos de Jovens através de uma newsletter regular. Além disso, consideramos ser necessário reformular o Pão e Cravos, jornal dos Jovens do Bloco, de forma a adaptá-lo à nova situação política que vivemos. A CNJ deve articular com os Grupos de Jovens de todo o país, de modo a criar sinergias que garantam uma comunicação mais fluída e que ninguém fique excluído da informação, eliminando obstáculos que possam impedir uma militância mais alargada.

Comunicação Externa

É essencial que a organização de Jovens do Bloco dialogue com militantes, prestando o apoio necessário aos Grupos de Jovens, bem como seja capaz de utilizar as ferramentas que dispõe para chegar a mais jovens, divulgando as ideias e propostas do Bloco.

Num mundo cada vez mais digitalizado, em que o acesso à informação é mais fácil, mas também mais imediato, é necessário que utilizemos as nossas redes sociais de forma mais eficaz. As páginas dos Jovens do Bloco devem servir para comunicar atempadamente as iniciativas que ocorram a nível nacional, distrital ou até concelhio, chegando a todas as pessoas interessadas em participar; para a exposição de rubricas temáticas; para a divulgação de propostas, e ideias que o Bloco e a CNJ tem na sua agenda.

Ainda assim, a comunicação da organização dos Jovens do Bloco não pode ser meramente digital. É necessária a criação e execução de Campanhas Nacionais, com a divulgação de material, impresso e em formato digital, junto de jovens, sobre as lutas que construímos e os temas que marcam a atualidade, propondo uma reflexão e expondo as propostas do Bloco.

7. Campanhas Nacionais

Enquanto órgão de direção nacional dos e das Jovens do Bloco de Esquerda, cabe à CNJ a tarefa de mobilizar e organizar jovens do partido em torno de campanhas que, construídas coletivamente e a partir de contributos locais, devem assumir um âmbito nacional. Envolvendo todas as pessoas jovens do partido, as campanhas nacionais são instrumentos centrais na luta travada pelo Bloco de Esquerda.

Partindo da reflexão presente nesta moção de orientação política, estas campanhas deverão servir como momento privilegiado para a divulgação de propostas do Bloco, bem como para o enraizamento da organização de Jovens do Bloco de Esquerda em escolas, faculdades, locais de trabalho e outros espaços, podendo ainda servir propósitos de formação política e de integração de mais camaradas.

Em torno de temas e objetivos mais concretos como a luta pela habitação ou dedicadas a temáticas mais abrangentes, as campanhas nacionais podem e devem assumir diferentes formas, adaptando-se às características e aos contributos da organização de Jovens do Bloco nos diferentes pontos do país. Assente em distribuições de panfletos ou na realização de eventos em diferentes locais, cabe à CNJ a produção, o assegurar da distribuição pelo país destes materiais e, partilhando responsabilidades com os grupos de jovens locais, a realização destas atividades.

8. Formação Política

A formação política das Jovens do Bloco tem que continuar a ser um instrumento central para a disputa social, servindo de apoio no combate à exploração capitalista e capacitando mais jovens para uma intervenção política ativa.

Com o Inconformação de 2023, reiniciou-se uma tradição de debate e formação política com formato presencial que, após 2 anos de pandemia e isolamento social, tanto faltava às Jovens do Bloco. Experimentou-se também um novo formato, escolhendo afunilar o tópico das sessões de debate, e apostando na história e contributos de pensadores do socialismo. Por ter sido um sucesso com os militantes mais jovens, a CNJ propõe-se a realizar o Inconformação em 2024 repetindo este formato, com o tema "Revoluções que abalaram o mundo", organizando painéis em torno da Revolução Francesa, Portuguesa, Russa, do Haiti, entre outras. Seria na sede nacional do Bloco de Esquerda, em Lisboa, nos dias 26 a 28 de janeiro. Mantemos o compromisso de organizar o Inconformação anualmente, com o objetivo de unir presencialmente as jovens organizadas no Bloco de Esquerda em torno de um tópico relevante para a nossa formação política.

Também em 2023, voltamos a organizar e a concretizar o acampamento Liberdade, momento de ensaio do mundo que queremos e onde militantes de todo o país têm a oportunidade de se conhecer melhor e partilhar as suas experiências diferenciadas de organização jovem nas suas escolas, faculdades e cidades. O facto de o Acampamento das Jovens do Bloco não ter acontecido durante 3 anos, gerou uma geração de militantes bloquistas que não conheciam o Acampamento, que nunca tinham tido a oportunidade de organizar e pensar politicamente num espaço que é seu. O Acampamento de 2023 reforçou a importância deste momento e a moção A sublinha a sua vontade de pensar neste momento e de o tornar, como o tem sido nos últimos 20 anos, o derradeiro espaço de liberdade, emancipação e formação política. Marcamos na agenda as datas de 24 a 28 de julho de 2024 para celebrar os 20 anos do Liberdade nos 50 anos da Liberdade.

9. Propostas

- Continuar a realizar anualmente o Acampamento Liberdade;
- Continuar a realizar anualmente o fim de semana do Inconformação;
- Criação de uma exposição celebrativa dos 20 anos do Acampamento Liberdade, a ser exposta no Acampamento em 2024;
- Criação de um grupo de apoio ao associativismo estudantil, que redija documentos de apoio à organização dos militantes nos seus estabelecimentos de ensino e promova discussão;
- Organização de um Encontro de ativistas estudantis;
- Reformular o Pão e Cravos, transformando-o num jornal digital com artigos e reflexões aprofundadas sobre as lutas e propostas dos Jovens do Bloco;

- Abrir call for papers para o Pão de Cravos de dois em dois meses;
- A CNJ deverá ter um papel ativo na integração de jovens nas restante estruturas partidárias - distritais, concelhias, grupos de trabalho;
- Manter um calendário de iniciativas que permita, tendo a conta a frequência das mesmas assim como a sua dispersão geográfica;
- A CNJ irá preparar e disponibilizar materiais de discussão que possam ser facilmente utilizados por grupos de jovens que pretendam organizar eventos de formação política;
- Responsabilizar membros da CNJ pela ligação aos distritos;
- Descentralizar iniciativas de modo a valorizar o interior;
- Manutenção do envio do Kit "recém-aderente";
- Maior articulação da CNJ com os vários Grupos de Trabalho setoriais do Bloco de Esquerda, de forma a realizar atividades em conjunto;

10. Conclusão

Somos jovens inconformadas com a vontade de mudar o país e o mundo. Temos em nós o desejo de construir um projeto socialista alternativo, que esteja na linha da frente do combate ao neoliberalismo que ataca e destrói as nossas vidas. Pretendemos, com este mandato da CNJ, construir um caminho coletivo que prime pela força de trabalho solidário das e dos Jovens do Bloco, com a necessidade de organização e articulação entre os diversos grupos de jovens.

Queremos que o Bloco de Esquerda continue a ser um espaço plural, democrático e firme na defesa das suas bandeiras. Para tal, queremos construí-lo em conjunto, através dos caminhos que temos vindo a percorrer nos espaços que ocupamos, nas nossas regiões, nas nossas vidas. Apenas com a partilha de lutas e daquilo que temos em comum é que conseguiremos construir uma força de oposição que tenha a capacidade de construir o socialismo. A luta vale sempre a pena, pois falamos da luta pela igualdade, pela defesa dos nossos direitos, da igualdade em ser e existir.

A Moção A tem como propósito representar todas as pessoas, que tal como nós, estão inconformadas, aquelas que desejam construir a luta socialista e de organizar jovens para fazer face a um sistema que nos quer oprimir e explorar cada vez mais. Seja na luta feminista, laboral, LGBTQI+, climática, antirracista, cá estamos, como sempre estivemos. Vamos à luta!

Lista A

1. Iara Sobral, 15150, Lisboa
2. Duarte Santos, 16575, Porto
3. Leonor Rosas, 13980, Lisboa
4. Sofia Lopes, 15457, Lisboa
5. Miguel Martins, 13852, Braga
6. Beatriz Realinho, 16344, Guarda
7. Aliyah Bhikha, 15475, Lisboa
8. Rodrigo Sousa, 15216, Guarda
9. Tomás Marques, 12362, Lisboa
10. Íris Marques, 16953, Porto
11. João Carvalho, 15600, Setúbal
12. Teresa Amorim, 14320, Braga
13. Diogo Teixeira, 16839, Madeira
14. Beatriz Pedroso, 14261, Lisboa

Suplentes

1. Frederico Portugal, 15059, Leiria
2. Raquel Vitorino, 14734, Lisboa
3. Duarte Graça, 12034, Porto
4. Diogo Gomes, 15917, Santarém
5. Damas Morais, 16366, Coimbra
6. Vasco Ruela, 15373, Lisboa
7. Beatriz Cunha, 16442, Lisboa
8. Afonso Silva, 15000, Braga
9. Inês Antunes, 16125, Castelo Branco
10. Carlota Duarte, 16829, Viseu

Representante na COC: Beatriz Realinho, 16344, Guarda

Subscrições

1. Afonso Silva, 15000, Braga
2. Alexandra Nunes, 16756, Setúbal
3. Alexandra Paulo Garcia, 16427, Lisboa
4. Aliyah Bhikha, 15475, Lisboa
5. Ana Alves, 16374, Santarém
6. Ana Correia, 16491 , Coimbra
7. Ana Durães, 15525, Lisboa
8. Ana Ferreira, 16091, Setúbal
9. Ana Isabel Trindade Pinto, 16874, Madeira
10. Ana Margarida Silva, 16193 , Lisboa
11. Ana Maria Pardal, 14707, Coimbra
12. Ana Rita Vieira, 15614, Leiria
13. Ana Sofia Domingues, 14358, Aveiro
14. Andreina Zerega, 15678, Coimbra
15. Ariana Pita, 16936, Lisboa
16. Bárbara Saraiva , 16325, Lisboa
17. Beatriz Cunha, 16442, Lisboa
18. Beatriz Moura Pontes, 16192, Porto
19. Beatriz Oliveira Pedroso, 14261, Lisboa
20. Beatriz Realinho, 16344, Guarda
21. Beatriz Verdinho, 16534, Setúbal
22. Camila Geirinhas, 16407, Lisboa
23. Carlos Eduardo Roque, 15650, Porto
24. Carlota Duarte, 16829, Viseu
25. Carolina Abrantes, 16645, Setúbal
26. Carolina Alves, 14364, Lisboa
27. Carolina Fernandes Gaspar Alberto, 16315, Setúbal
28. Catarina Rodrigues, 14946, Lisboa
29. Catarina Santos, 15743, Lisboa
30. Cátia Coelho, 15534, Setúbal
31. Constança Portela, 11555, Lisboa
32. Daniel Borges, 16022, Lisboa
33. David Ferreira, 14221, Lisboa

34. David Gomes, 15917, Lisboa
35. Diogo Barros, 15007, Braga
36. Diogo Gomes, 15917, Santarém
37. Diogo Manuel Teixeira Barbosa, 14563, Porto
38. Diogo Mira, 15586, Setúbal
39. Diogo Teixeira, 16839, Madeira
40. Duarte Graça, 12034, Porto
41. Duarte Igreja, 15455, Lisboa
42. Duarte Santos, 16575, Porto
43. Eduardo Couto, 13387, Aveiro
44. Felipe Silva, 16997, Porto
45. Filipa Alexandra, 15170, Porto
46. Francisco de Jesus, 16659, Lisboa
47. Francisco Pumacayo, 17038, Lisboa
48. Francisco Rafael, 15638, Lisboa
49. Francisco Vaz, 17124, Lisboa
50. Frederico de Moura Portugal, 15059, Leiria
51. Gonçalo Filipe, 15601, Lisboa
52. Gonçalo Sousa, 15376, Lisboa
53. Guilherme Góis, 15245, Lisboa
54. Hugo Andrade, 16337, Lisboa
55. Iara Sobral, 15150, Lisboa
56. Igor Oliveira, 17160, Lisboa
57. Inês Antunes, 16125, Castelo Branco
58. Íris Marques, 16953, Porto
59. Isis Pinto, 16703, Lisboa
60. Jéssica Gomes Vassalo, 15053, Santarém
61. Joana Gonçalves, 16239, Lisboa
62. João Carvalho, 15600, Setúbal
63. João Moreira da Silva, 17028, Lisboa
64. João Sebastião, 15547 , Lisboa
65. Jorge Tabuada, 16880, Lisboa
66. José Miguel Silva Lopes, 16501, Viseu
67. Milana Pereira, 16877, Guarda
68. Leonor Amado, 16896, Lisboa

69. Leonor Fernandes, 17129, Sintra
70. Leonor Rosas, 13980, Lisboa
71. Leonor Viana, 15886, Setúbal
72. Leticia Vereza, 13900, Lisboa
73. Lou Lução, 13974, Lisboa
74. Luís Caroça, 15143, Lisboa
75. Luís Guimarães, 16998, Lisboa
76. Madalena Pacheco, 16746, Coimbra
77. Damas Morais, 16366, Coimbra
78. Marco Aboim, 16740, Lisboa
79. Maria Carlos Pacheco, 16318, Coimbra
80. Maria Inês Pombo, 16177, Guarda
81. Mariana Neves Gonçalves, 15060, Braga
82. Mariana Reis, 15861, Castelo Branco
83. Mariana Silva, 16938, Porto
84. Marta Almeida, 16345, Guarda
85. Matilde Pinto, 16415, Lisboa
86. Micaela Gomes, 15786, Braga
87. Miguel Baptista Miranda Correia, 15754, Porto
88. Miguel Martins, 13852, Braga
89. Pedro Henrique Garcia Santos, 16615, Açores
90. Pedro Henrique Soares de Sousa, 12731, Lisboa
91. Pedro Matias, 15162, Porto
92. Pedro Mesquita, 13405, Castelo Branco
93. Rafael Seixas, 16432, Lisboa
94. Raquel Lindner, 13405, Lisboa
95. Raquel Vitorino, 14734, Lisboa
96. Ricardo Vaz, 15010, Lisboa
97. Rita Marçal, 16883, Santarém
98. Roberto André Nunes Henriques, 15871, Madeira
99. Rodrigo Grilo, 16633, Setúbal
100. Rodrigo Machado, 14947, Lisboa
101. Rui Filipe Marques Ferreira, 15871 , Setúbal
102. Rui Tavares, 16460, Porto
103. Sandra Góis, 11006, Santarém

104. Santiago Pinheiro, 16646 , Setúbal
105. Sofia Lopes, 15457, Lisboa
106. Teresa Amorim, 14320, Braga
107. Tiago Correia, 17115, Setúbal
108. Tomás Marques, 12362, Lisboa
109. Vasco Ruela, 15373, Lisboa
110. Vera Moço Calado, 15577, Setúbal